

CAPITAL PERMANENTE

Números e ideias feitas

TODOS nós sabemos que não podemos confiar cegamente nos números que se referem à situação económica de um país. E isto por várias razões.

Por um lado, os indicadores utilizados para avaliar a evolução económica são sempre deficientes, não só porque são incompletos, mas também porque muitos aspectos do funcionamento de uma economia não são, pura e simplesmente, susceptíveis de quantificação. Por outro lado, a fiabilidade dos números tem-se em geral reduzido, em grande parte devido à desregulamentação geral das economias mas também em consequência do avanço do processo de globalização. Tudo isto é verdade e é conhecido. Mas também é verdade que a análise dos números ainda é uma forma bastante eficaz e suficientemente segura de pôr em causa ideias feitas, muitas vezes baseadas em meros palpites ou desejos, mas não na realidade.

O exemplo a que me vou referir ilustra muito bem o que pretendo mostrar.

Quando se compara a evolução recente das economias do Reino Unido e da França, a opinião politicamente correcta avança imediatamente do alto dos seus preconceitos conservadores ou liberais:

«Claro, a capacidade reformista do New Labour de Blair opõe-se ao estatismo francês e isso tem levado a que a economia inglesa esteja pujante, criadora de empregos e com ganhos espectaculares de competitividade e que a economia francesa, o menos que se possa dizer, é que vai a caminho do abismo».

O interessante é que nada ou quase nada desta afirmação tem maior base do que a propaganda «blairista». Os desmancha-prazeres dos números aí estão para pôr as coisas na sua devida dimensão. É certo que, nos últimos cinco anos, o produto interno bruto inglês cresceu 2,4% ao ano e o francês 1,7%. Não é uma diferença por aí além, mas tem, apesar de tu-

do, o seu significado. O problema está quando se começa a investigar as causas desta evolução. Será que o Reino Unido cresceu mais por ter reduzido a despesa pública e a França menos porque a aumentou? Infelizmente, não.

O Reino Unido teve um aumento muito rápido da despesa pública que subiu sete (!) pontos percentuais em relação ao PIB nos últimos cinco anos, enquanto a França apenas aumentou dois pontos percentuais. Será que a diferença é devida a um grande aumento da competitividade da economia inglesa? Ai de nós! Também não. As exportações de mercadorias inglesas cresceram apenas uns magros 1,8% em média anual, enquanto as francesas aumentaram 2,4% e o investimento em equipamento des-

ceu 2% ao ano no Reino Unido e cresceu 1,9% em França. Será que a economia inglesa se tornou, ao menos, muito criadora de empregos? Também não. O emprego em França e no Reino Unido cresceram à mesma taxa em média anual.

Ao contrário do algodão, os números podem enganar. Mas dificilmente o farão neste caso. O Reino Unido cresceu mais do que a França porque aumentou a sua despesa pública, perdeu ritmo nas exportações e nem por isso garantiu uma maior criação de empregos.

Apetece dizer: «Crescer à custa da despesa pública — também eu!» Não serão muitos os economistas que considerarão que esta evolução é sustentável a prazo, nem sequer que se possa qualificar necessariamente como melhor do que a francesa. Mas a ideia feita é que Blair é o grande estadista-reformista-moderno-não temente da globalização e que está a liderar o Reino Unido para a construção de uma economia nova e supercompetitiva.

Na realidade, os números demonstram que ele não está a fazer nada disso.



JOÃO FERREIRA
DO AMARAL*